

## ESTADOS UNIDOS

# Fala de Trump gera caos em Springfield

Republicano endurece retórica anti-imigração, com informações apontadas como falsas, e promete deportar haitianos

Getty Images via AFP



Em Los Angeles, Trump acusou a democrata Kama Harris de querer transformar o país em um "campo de refugiados"

O forte discurso anti-imigração de Donald Trump, com ênfase em denúncias apontadas como inverídicas, tem provocado um clima de forte tensão em Springfield, no estado de Ohio, principal foco do republicano. Ontem, autoridades determinaram a evacuação de várias escolas na cidade do nordeste dos Estados Unidos, onde corre a informação falsa, impulsionada pelo republicano, de que migrantes haitianos comem animais de estimação. Na véspera, a prefeitura foi esvaziada após ser alvo de uma ameaça de bomba.

Diante do caos instalado em Springfield, que já repercute em outras partes do país, o presidente norte-americano, Joe Biden, instou o magnata a não alimentar as acusações contra os haitianos ao espalhar a farsa. "Isso tem que parar, o que ele está fazendo, tem que parar", disse Biden na Casa Branca. "Não há lugar nos Estados Unidos (para tais comentários)", acrescentou.

O apelo teve efeito contrário. Donald Trump não só redobrou seus ataques contra os migrantes, como acusou sua rival democrata, Kamala Harris, de querer transformar os Estados Unidos em um "campo de refugiados". "As crianças americanas estão à mercê de criminosos bárbaros", declarou o ex-presidente durante uma coletiva de imprensa em seu complexo de golfe nos subúrbios de Los Angeles.

Mais uma vez, o magnata se referiu à alegação de que migrantes haitianos estariam roubando cães e gatos para comê-los, na cidade de Springfield. A polícia desmentiu o boato categoricamente,

assim como vários veículos que fazem verificação de conteúdo, como a agência de notícias France Presse.

"Vamos organizar expulsões em massa (na cidade)", prometeu o bilionário republicano, que fingiu desconhecer que muitos desses migrantes possuem permissão de residência.

Durante a entrevista, Trump acusou,

sem apresentar provas, a presidenciável democrata de levar ilegalmente para o país, de avião, "alguns dos piores assassinos e terroristas". "Kamala vai transformar os Estados Unidos em um campo de refugiados do Terceiro Mundo. Já é isso até certo ponto", ressaltou em outro discurso.

O candidato republicano colocou a

imigração, uma das principais preocupações dos eleitores segundo as pesquisas, no centro de sua nova candidatura à Casa Branca. Fez o mesmo em 2016, quando sua campanha girou em torno da proposta de um muro na fronteira com o México. Se vencer em 5 de novembro, ele promete combater a imigração ilegal com deportações em massa.

## Tensão

A polêmica em torno de Springfield teve início na segunda-feira passada e ganhou força no dia seguinte, durante o debate entre Donald Trump e Kamala Harris. Ontem, além do fechamento de duas escolas de ensino fundamental e uma de ensino médio, a polícia federal americana (FBI) começou a investigar as ameaças feitas na noite de quinta-feira contra um abrigo de haitianos na cidade.

Apesar da natureza altamente duvidosa do boato, Donald Trump e seu entorno se mantêm firmes. "Era uma comunidade magnífica, é horrível o que aconteceu", disse Trump a uma multidão reunida no Arizona na quinta-feira. Ele também mencionou que alguns migrantes atacaram "gansos" ou "violentaram jovens americanas". No evento, alguns de seus apoiadores exibiam cartazes em que Trump aparece carregando dois gatinhos, em uma imagem gerada por inteligência artificial.

Companheiro de chapa do republicano, J.D. Vance, senador por Ohio, reforçou os boatos, ontem, na rede social X, ao escrever que a cidade de Springfield experimentou um "aumento considerável de doenças transmissíveis (...) e de criminalidade". Ao encerrar uma viagem de 12 dias pelo Sudeste Asiático e pela Oceania, o papa Francisco externou preocupação com os rumos da corrida à Casa Branca. O pontífice criticou tanto Trump quanto Kamala. "Ambos são contra a vida, tanto o que expulsa os imigrantes quanto o que mata crianças", declarou o papa argentino, no avião que o levava de volta a Roma.

## GUERRA NO LESTE EUROPEU

# Casa Branca reage a ameaças de Vladimir Putin

A Casa Branca criticou, ontem, o presidente russo, Vladimir Putin, por proferir ameaças ao Ocidente ao afirmar que os países da Aliança Atlântica entrariam em guerra com Moscou se permitirem à Ucrânia usar mísseis de longo alcance. O assunto foi tema de uma reunião entre o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e o premiê do Reino Unido, Keir Starmer. "Esse tipo de retórica é incrivelmente perigosa", disse a jornalista a porta-voz da Casa Branca, Karine Jean-Pierre.

Em um sinal de tensões crescentes, o serviço de segurança russo FSB anunciou, horas antes do encontro entre Biden e Starmer, que seis diplomatas britânicos tiveram seu credenciamento retirado e foram acusados de espionagem.

Na véspera, Putin assinalou que permitir a Ucrânia de utilizar armamento ocidental de longo alcance significaria que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) está "em guerra contra a Rússia". Segundo o líder russo,

a decisão "mudaria de maneira significativa a própria natureza do conflito". "Nesse caso (...), tomaremos as decisões apropriadas com base nas ameaças que enfrentarmos", advertiu.

A Ucrânia, que enfrenta desde fevereiro de 2022 uma invasão militar russa, solicita que sejam flexibilizadas as restrições ao uso dos mísseis britânicos Storm Shadow e americanos ATACMS, com alcance de centenas de quilômetros, o que lhe permitiria atingir centros logísticos e

aeródromos de onde partem os bombardeiros russos.

A questão, segundo meios de comunicação europeus, divide a Otan. Países como Itália e Alemanha, por exemplo, consideram que ampliar o uso de armas ocidentais por Kiev não é uma boa ideia, pois colocaria a aliança militar efetivamente no conflito.

A Casa Branca minimizou as chances de uma decisão imediata derivada do encontro entre Biden e Starmer, que realizou sua segunda viagem a Washington

desde que assumiu o cargo em julho. O porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, afirmou que "não houve mudanças na nossa política a respeito da capacidade de um ataque de longo alcance na Rússia".

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, ressaltou que o aviso de Putin é claro: "Não temos dúvidas de que essa declaração chegou aos seus destinatários". Por sua vez, o embaixador da Rússia na ONU reafirmou as declarações do presidente e alertou que a autorização para que Kiev utilize mísseis de longo alcance significaria envolver a Otan "em uma guerra direta" contra uma "potência nuclear".

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# O mar não está muito para Lula

A caminho de completar metade do mandato, e com atenções e esforços concentrados nas eleições municipais de outubro, o presidente Lula exibe um balanço aquém das expectativas — começando pelas próprias — justamente na política externa. Um dos carros-chefes em seu primeiro período no Planalto, entre 2003 e 2010, o desempenho no cenário internacional se ressentiu das turbulências que caracterizam o mundo, passada década e meia. Sem falar nas condições domésticas, nitidamente mais complexas, algumas até adversas.

Se a virada do século foi marcada pela "guerra ao terror" de George W. Bush, um momento em que os esforços de Washington se voltavam para o Oriente Médio, o atual confronto por procuração entre Washington e Moscou na Ucrânia recompõe a lógica da Guerra Fria no cenário global. A polarização que opõe EUA e aliados (europeus e

asiáticos) a Rússia e China, que articulam a massa de governos de países em desenvolvimento, estreita a margem de manobra com a qual o governo Lula gostaria de contar.

Em resumo, a política externa "ativa e altiva" do primeiro período de Lula no Planalto enfrenta obstáculos novos, algo mais desafiadores que os de 2003.

## Espaço reduzido

Seja no ambiente externo mais imediato, seja no cenário global mais amplo, os espaços para intervir se tornam mais estreitos. O exemplo mais próximo é a crise na Venezuela. Decidido a reeditar o papel cumprido em 2003-2010, quando construiu um sistema regional de forças capaz de administrar as crises entre o chavismo e a oposição, Lula agora opera de braços dados apenas com a Colômbia, entre os vizinhos sul-americanos.

A situação se repete em temas como o conflito Israel-Hamas e a guerra na Ucrânia. No último caso, mais especialmente, o país se vê pressionado a operar em condições nas quais um aliado do Brics — no caso, a Rússia — se coloca em linha direta de confronto com os EUA e a Europa. Até aqui, a política do Planalto tem sido a de equilibrar-se entre as críticas à invasão da Ucrânia e à resposta do Ocidente, com o apoio bélico da Otan ao governo de Kiev.

A evolução do conflito coloca no horizonte um cenário em que restará cada vez menos espaço para manobras de acomodação.

## Gangorra pensa

Pela perspectiva interna da diplomacia brasileira, parece fermentar um sentimento de desconforto. E ele tem no contorno as linhas definidas entre Itamaraty e Planalto na concepção e

execução da política externa.

No primeiro período de Lula na presidência, a trinca de condução da área se compunha do presidente, com o assessor especial Marco Aurélio Garcia e o chanceler Celso Amorim. No governo iniciado em 2023, Amorim ocupa o posto de assessoria no Planalto. E, na prática, faz sombra ao titular do ministério, Mauro Vieira.

O equilíbrio que funcionou nos primeiros dois mandatos se desfez no terceiro. Agora, o Planalto não apenas formula sozinho as diretrizes políticas, como as expressa, defende e põe em prática.

## Segundo plano

Como resultado, fermenta no corpo profissional da diplomacia um sentimento que varia do desconforto ao descontentamento. Uma linha crescente de queixa diz respeito à "falta de política" no cardápio cotidiano dos diplomatas.

Em comparação com um período de quase duas décadas em que o país

levou a campo agendas ativas para a inserção externa, com destaque para a integração latino-americana e a construção do Brics, hoje a ação das embaixadas e outros mecanismos de representação estaria confinada a um exercício burocrático de cumprimento de rotinas protocolares.

## Vitrine esvaziada

Para os descontentes, a "falta de política" na agenda da diplomacia se mostra especialmente frustrante no momento em que o Brasil preside o G20, com oportunidade para pautar discussões e se colocar como fator ativo na discussão de temas como as mudanças climáticas.

Com a integração regional estagnada e as preocupações de política doméstica sequestrando as atenções do Planalto, faltam iniciativas para incidir, inclusive, no rápido processo de ampliação do Brics. Enquanto China e Rússia concentram a batuta e incorporam novos membros, o Brasil se conforma, alertam os críticos, com uma posição cada vez mais de coadjuvante.